**O USO DO CANABIDIOL COMO NOVA TERAPÊUTICA PARA O TRATAMENTO DA EPILEPSIA**

Gabriela Wander de Almeida Braga¹, Gabriela Teixeira Lima², Victor Santana Correia Scalabrini¹, Wilton Afonso da Silva Lôres Filho¹, Jilson Teixeira Magalhães Segundo¹.

¹Graduados em Medicina pelo Centro Universitário Atenas (UniAtenas), ²Acadêmica de Medicina no Centro Universitário Atenas (UniAtenas).

**INTRODUÇÃO:** A epilepsia é uma doença que há muito tempo assola a humanidade e já teve inúmeras facetas para as amplas culturas já vividas ao longo dos séculos e milênios. A epilepsia é hoje descrita pela ILAE (International League Against Epilepsy) como “...um distúrbio neurológico caracterizado por uma predisposição duradoura para gerar crises epilépticas e as consequências cognitivas, psicológicas e sociais associadas”. Pensando no que define esta condição e em sua epidemiologia (é a terceira maior doença neurológica em prevalência e que abarca aproximadamente um terço de seus portadores como pacientes resistentes às terapias para as crises epilépticas), novas terapêuticas para contenção das crises estão sempre em pesquisa e uma delas encontra abrigo na terapia com o uso do canabidiol. **OBJETIVO:** Descrever o mecanismo de ação do canabidiol e sua importância para o tratamento da epilepsia. **REVISÃO:** O canabidiol, que exerce seus efeitos anticonvulsivantes por meio da inibição da enzima FAAH (responsável por degradar a anandamida), por meio do antagonismo e dessensibilização de receptores TRPV1 (Receptor de Potencial Transitório Vanilóide do Tipo 1; via também ativada pela anandamida e pelos agonistas exógenos de receptores CB1 e CB2 que, no entanto, apresenta marcantes efeitos pró-convulsivantes em modelos de laboratório) e por meio de seus efeitos anti-inflamatórios, tem sido grande alvo de pesquisas clínicas em síndromes epilépticas. Nesses estudos, grandes resultados têm sido evidenciados, com redenção parcial ou total de crises em uma série de epilepsias e em algumas síndromes epilépticas, evidenciando uma melhora considerável da condição de saúde dos portadores destas síndromes. Isso se deve ao fato de, devido à inibição da FAAH e dessensibilização TRPV1, o canabidiol favorecer uma resposta endógena sob medida da condição de hiperexcitação neuronal, além de não atuar especificamente sob receptores canabinoides, que povoam predominantemente neurônios gabaergicos e que, se excitados, a longo prazo gerariam um contraditório amplo efeito pró-convulsivante. **CONCLUSÃO:** É possível considerar o uso do canabidiol como uma terapêutica eficaz para a remissão de crises epilépticas e como uma possível alternativa plausível para o tratamento de epilépticos farmacoressistentes.

**Palavras-chave:** Epilepsia, Canabidiol.